

A PRESENÇA DE HOMERO E A ARTE DA RAPSODIA EM UM ROMANCE ALBANÊS

Luiz Carlos André Mangia SILVA¹

KADARÉ, I. **Dossiê H**. Tradução de Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 168 p.

A cidadezinha de N, no interior da Albânia, de repente tem sua rotina alterada com a chegada de dois estudiosos irlandeses, Max e Willy, em doutoramento pela universidade americana de Harvard. São pesquisadores de Homero e por esse motivo, o estudo da épica homérica, vieram se instalar em N, pois acreditam que a poesia local, produzida oralmente, possui certos vínculos com aquela outra desenvolvida pelo poeta grego. A elite de N, no entanto, não se dá por satisfeita com uma explicação tão fantástica para uma tal visita; pensa, na verdade, tratar-se de espiões, instalados na cidade por motivos bem mais importantes que os versos de um poeta cego de muito antes de Cristo...

Esse é o argumento do romance “Dossiê H”, do escritor, poeta e jornalista Ismail Kadaré. Ele é nascido em 1936, na Albânia, país mais pobre da Europa que possui certamente uma das histórias nacionais mais acidentadas do continente: a população albanesa tem visto, desde muitos séculos, seu território sofrer invasões de diferentes povos, podendo-se citar, dentre elas, a chegada dos eslavos, no século VII de nossa era, com os quais rivalizam ainda hoje, principalmente em torno de Kosovo; a duradoura presença dos turcos (1389-1837); a ocupação dos fascistas na Segunda Guerra; além da presença comunista.

Censurado durante muito tempo na Albânia, Kadaré publica seus livros na França, onde está refugiado desde 90. É membro da Academia de Ciências Morais e Políticas e autor de inúmeros romances, entre os quais “O general do exército morto” (1962), livro que lhe deu notoriedade internacional, e “Abril despedaçado” (1981), obra que inspirou o filme de mesmo nome (2001) do cineasta brasileiro Walter Sales Jr, que concorreu ao Globo de Ouro na categoria de melhor filme estrangeiro.

“Dossiê H” tem como foco a preocupação de dois pesquisadores de origem irlandesa, Max Roth e Willy Norton, em desvendar os ‘mistérios’ que envolvem a fabricação ou tecnologia da poesia desenvolvida por Homero. Eles possuem um conhecimento profundo em épica grega e albanesa e vêm a N. munidos de inúmeras

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara-SP.

anotações, mapas (de lugares onde ainda se produz poesia oral à maneira de Homero), além de uma novíssima invenção, fundamental para o estudo que pretendem: um gravador magnético de vozes. Têm a intenção de, com ele, gravar os cantos de diversos ‘rapsodos’ ou poetas orais (comparáveis, em certa medida, aos nossos repentistas) para ver neles os mecanismos pelos quais se desenvolve a poesia de tradição oral. Pretendem notar, uma vez registrados os cantos, o que há de comum entre os vários cantores no tratamento dos temas épicos (de onde se falar em tradição poética), qual o tipo de verso que preferem utilizar, quais os recursos utilizados para a memorização de um canto, como ele é transmitido a novas gerações etc. É claro que realizar tal gravação não é tarefa simples, pois existem poucos poetas orais no país. Além disso, Max e Willy devem contar com a boa vontade do rapsodo em deixar que seu canto seja gravado – ou ‘aprisionado’, como pensam alguns.

Kadaré certamente se inspirou, para construir seu “Dossiê H”, nas pesquisas desenvolvidas em 1933 (também o livro é ambientado na década de 30) por Milman Parry. Esse pesquisador não se ocupou, contudo, do idioma albanês, mas do servo-croata. Percorrendo a antiga Iugoslávia à procura dos rapsodos (que já à sua época estavam em vias de extinção), empreendeu gravá-los e analisar seus cantos, com o que conseguiu refutar muito do que se pensava acerca de Homero. Parry, no entanto, não concluiu seus trabalhos, visto ter morrido prematuramente dois anos mais tarde, cabendo a seu aluno e colaborador A.B. Lord o ofício de editar e traduzir o material por ele coletado; a obra *Servocroatian Heroic Songs I* (Cambridge, Mass.) teve sua primeira edição quase duas décadas depois, em 1954 (cf. G. S. KIRG, *Los poemas de Homero*. Buenos Aires: Paidós, 1968, p.67-108).

A idéia, por exemplo, de que as frases fixas, na “Íliada” e na “Odisséia”, eram decorativas ou mesmo ‘carentes de imaginação’ foi negada por esses estudos em épica oral iugoslava, que mostraram serem elas necessidade da própria concepção de poesia oral ou iletrada. Com isso, provou-se definitivamente que Homero foi um poeta oral. Revelou-se ainda que sua poesia se vale de um sistema orgânico e funcional muitíssimo lógico, pois é fruto de uma longa tradição histórica de memória e refinamento. A transmissão do canto dá-se através de muitas gerações e é esse um dos fatos que possibilita ao poeta-cantor versar sobre acontecimentos distanciados no tempo – como Homero, por volta de 750 a.C, tratar da guerra de Tróia, ocorrida em torno de 1100 a.C. Esse fato – o da referência a fatos remotos – foi visto também na épica de idioma servo-croata, com a qual trabalhou Parry. Notou-se, além de tudo, que há certos temas comuns às duas poesias guerreiras como, por exemplo, o episódio do retorno e reconhecimento de um herói (sendo o Odisseu dos servo-croatas um herói chamado Dulic) ou, ainda, o de uma traição amorosa (Helena de Tróia a Aikunë, na épica albanesa), o que talvez constitua uma migração temática, visto que ambas as poesias, a grega de um lado e a servo-croata (e albanesa) de outro, podem ter se influenciado mutuamente em antigos contatos.

Longe de serem as pretendidas respostas em torno dos ‘misteriosos’ mecanismos poéticos de Homero, o que há de mais interessante no “Dossiê H” de Ismail Kadaré são as perguntas que Max e Willy se fazem no andamento de seus estudos sobre a arte da rapsódia, entre elas: como se manifestam os dons de um poeta épico?; que técnica possibilita memorizar com tamanha precisão os longos cantos guerreiros, sem sequer introduzir-lhes mudanças nos versos de uma recitação para outra, assim como de geração para geração?; em que medida a vida pessoal do poeta pode influenciar no resultado de sua produção?; por que razão e mecanismos se ‘embalsama’ um fato histórico, transformando-o em canto épico?; qual a relação dos rapsodos com o sentido da visão, julgada quase sempre um empecilho à arte da memória (Demócrito não se cegou voluntariamente para poder aprofundar suas reflexões)?; será esse o motivo de a maioria dos rapsodos ser meio cega, cego também o próprio Homero?; houve na verdade um Homero, poeta-autor, ou foi ele mais precisamente um ‘chefe de redação’, um compilador e organizador de vários poemas?

Não podendo ficar de fora, a questão do conflito entre albaneses e servo-croatas toma corpo no romance na presença de um padre sérvio que se sente ‘enciumado’ com o fato de os pesquisadores se ocuparem do idioma albanês – e não do servo-croata, que também tem sua poesia épica –, visto que tais estudos trarão prestígio ao país em questão. E essas rixas e disputas chegam mesmo a definir os rumos da narrativa, fazendo valer o verso, citado na obra, a respeito da origem daqueles dois povos: “Na cólera entre nós nascemos”. E mesmo Kadaré toma parte nessa disputa, uma vez que as pesquisas de Parry foram realizadas em servo-croata, ao passo que em “Dossiê H” o são em albanês...

Há de se acrescentar que o perfil das personagens, em “Dossiê H”, é bem criativo e inteligente, assim também o andamento das ações. Sem poder apreciar com justeza o trabalho do tradutor, por eventual desconhecimento da língua albanesa, o leitor há de notar que a tradução de Bernardo Joffily é fluida e saborosa, assim como são pertinentes as notas ao texto. Cabe a crítica, no entanto, ao fato de não haver qualquer apresentação da obra e do autor ao leitor brasileiro, lacuna considerável, visto que se trata de uma literatura, em princípio, tão estranha a nós; além disso, há uma gama de relações entre literatura e história pretendidas por Kadaré que a maioria do público certamente desconhece, tomando a todas elas por ficcionais.